Opinião Socialista

Ano XI - Edição 305 - Colaboração: R$ 2 - De 12 a 18/07/2007 - www.pstu.org.br

Delegação da Conlutas e haitianos exigem

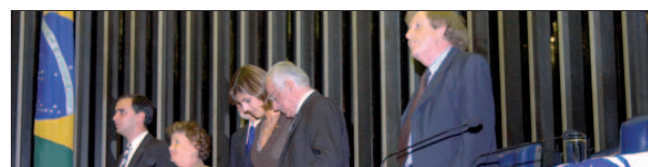
FORA AS TROPAS DO HAITI!

Páginas centrais

COM APOIO DE LULA, RENAN DIZ QUE NÃO "ARREDA O PÉ"

Página 4

VIOLÊNCIA: BURGUESIA AUMENTA REPRESSÃO AOS POBRES

Página 5

CONGRESSO DA UNE: NOVA FESTA GOVERNISTA

Página 10

DEMISSÕES I - O Tribunal de Justiça do Paraná indeferiu o recurso da Prefeitura de Maringá que pedia a suspensão da liminar reintegrando 22 servidores exonerados.

DEMISSÕES II – As demissões foram realizadas pelo prefeito Silvio Barros (PP) depois que os trabalhadores participaram da greve da categoria.

SEM APAGÃO

Lula deu um jeitinho para escapar do apagão aéreo. A Aeronáutica vai comprar dois helicópteros para uso do presidente. A previsão de gastos é de R$ 48 milhões. As aeronaves também servirão aos ministros e terão revestimento de couro, ar-condicionado, uma mesa para despachos e um minirrefrigerador. Além disso, precisam ter um motor com redução de ruídos. Marta Suplicy, que não freqüenta os saguões dos aeroportos desde sua frase infeliz, deve estar adorando.

CHARGE / AROEIRA

PÉROLA

"Não se combate o crime com pétalas de rosas"

LULA, defendendo a ação da polícia carioca nas favelas do Complexo do Alemão. Dezenove pessoas morreram. Há denúncias de que muitas teriam sido executadas. (*O Globo, 8/07*)

DEBATE EM NOVA FRIBURGO

A regional do PSTU de Nova Friburgo (RJ) promoveu no dia 28 de junho o debate "90 anos da Revolução Russa", no Auditório do Sindicato dos Trabalhadores em Indústrias Têxteis. A atividade foi uma grande vitória e lotou o auditório do sindicato, com a presença de cerca de 120 pessoas. Na mesa usaram a palavra os companheiros João Raimundo, professor de história e militante de esquerda, Ricardo Costa, representando o PCB, e André Freire, da Direção Nacional do PSTU. Durante o debate, ficou acertado que serão realizadas outras atividades lembrando os 90 anos da Revolução Russa.

SUJEIRA TUCANA

O Ministério Público de São Paulo está apontando o desvio de pelo menos R$ 1,1 bilhão realizado nos governo tucanos de Mário Covas e Geraldo Alckmin. O dinheiro teria sido desviado em contratos irregulares firmados entre prefeituras, empreiteiras e a CDHU (Companhia Habitacional do Estado) sob o comando do PSDB. Somente nos últimos seis anos, o esquema de superfaturamento de obras públicas pode ter desviado, segundo o Ministério Público, pelo menos R$ 135 milhões.

UM TAPA

Uma imagem em vídeo mostra toda a crueldade da polícia carioca. Na gravação, um trabalhador inocente é assassinado a tiros por um PM depois de reagir ao um tapa no rosto desferido pelo soldado. O crime foi cometido em fevereiro. Mesmo com a fita, a Promotoria de Justiça do Estado do Rio de Janeiro libertou o policial assassino.

CONSELHO "DIVINO"

O ex-governador Joaquim Roriz (PMDB-DF), senador envolvido em corrupção e mergulhado na lama até o pescoço, disse ter recebido um conselho "divino": "Conversei com Deus. E ele disse que haverá uma saída para meu caso". Nem com ajuda de outro mundo... Roriz renunciou para poder voltar nas próximas eleições, como fizeram mensaleiros e sanguessugas.

PEÇA 'A MÃE' FOI PRORROGADA ATÉ 25 DE JULHO

Desconto para os leitores do Opinião Socialista continua valendo

O Teatro Fábrica, de São Paulo, prorrogou a temporada da peça A mãe, adaptada do livro homônimo de Maximo Gorki. Dando continuidade a uma parceria que vem dando certo, os leitores que apresentarem o jornal Opinião Socialista pagarão somente R$ 7. O valor normal do ingresso é de R$ 15 a R$ 30. O espetáculo vai até o dia 25 de julho, com apresentação às quartas-feiras, às 20h.

TEATRO FÁBRICA SÃO PAULO
Rua da Consolação, 1623
Reservas e informações pelo telefone 3255 5922 ou pelo site www.fabricasaopaulo.com.br

PSTU.org.br

CHAT COM MEMBROS DA CARAVANA AO HAITI

O Portal do PSTU vai promover um bate-papo com alguns participantes da viagem, que viram de perto a ocupação militar e a miséria no Haiti. Além disso, eles tiveram uma experiência muito mais rica: puderam conhecer a cultura e a beleza do povo que fez a primeira revolução negra da história e segue resistindo à violência das tropas de ocupação.

O chat acontece no dia 12 de julho, quinta-feira, às 18 horas.

Os internautas poderão conversar com Antonio Donizete Ferreira, o Toninho, Eduardo Almeida Neto, Dayse Oliveira e Rodrigo Correia.

LITERATURA

HISTÓRIA DAS LUTAS DOS TRABALHADORES NO BRASIL

Com linguagem simples e acessível, Vito Giannoti traça um panorama de toda a história da classe trabalhadora brasileira, desde suas origens, no começo da industrialização do país, cerca de cem anos após a revolução industrial na Europa, até o ano de 2002, com a eleição de Lula. Sempre contextualizando o Brasil na conjuntura internacional.

Preço: **R$ 49**

LIVRARIA ARSENAL DO LIVRO
arsenaldolivro@yahoo.com.br
(11) 3253.5801
Promoção de frete grátis para todo o país

OPINIÃO SOCIALISTA
é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua dos Caciques, 265 - Saúde - São Paulo - SP - CEP 04145-000
Fax: (11) 5581.5776 e-mail: *opiniao@pstu.org.br*

CONSELHO EDITORIAL Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates "Mancha", Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary **EDITOR** Eduardo Almeida Neto **JORNALISTA RESPONSÁVEL** Mariúcha Fontana (MTb14555) **REDAÇÃO** Diego Cruz, Jeferson Choma, Marisa Carvalho, Wilson H. da Silva, Yara Fernandes **DIAGRAMAÇÃO** Carol Rodrigues **REVISÃO** Marisa Carvalho **IMPRESSÃO** Gráfica Lance (11) 3856-1356 **ASSINATURAS** (11) 5581-5576 *assinaturas@pstu.org.br - www.pstu.org.br/assinaturas*

SEDE NACIONAL

Rua dos Caciques, 265
Saúde - São Paulo (SP)
CEP 04145-000 - (11) 5581-5776

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
sindical@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br
livraria@pstu.org.br
internacional@pstu.org.br

ALAGOAS
MACEIÓ - Rua Dias Cabral, 159. 1º andar - sala 102 - Centro - (82)9903.1709
maceio@pstu.org.br

AMAPÁ
MACAPÁ - Av. Pe. Júlio, 374 - Sala 013 - Centro (altos Bazar Brasil) (96) 3224.3499 *macapa@pstu.org.br*

AMAZONAS
MANAUS - R. Luiz Antony, 823, Centro (92) 234-7093
manaus@pstu.org.br

BAHIA
SALVADOR - Rua da Ajuda, 88, Sala 301 Centro (71) 3321-5157
salvador@pstu.org.br
ALAGOINHAS - R. 13 de Maio, 42 Centro
IPIAÚ - Av. Lauro de Freitas, 282 Centro
VITÓRIA DA CONQUISTA
Avenida Caetité, 1831 - Bairro Brasil

CEARÁ
FORTALEZA *fortaleza@pstu.org.br*
CENTRO -Av. Carapinima, 1700, Benfica (82) 254-4727
MARACANAÚ -Rua 1, 229 - Conjunto Jereissati 1
JUAZEIRO DO NORTE - Rua Padre Cícero, 985, Centro

DISTRITO FEDERAL
BRASÍLIA - Setor de Diversões Sul (SDS)- CONIC - Edifício Venâncio V, subsolo, sala 28 Asa Sul - (61) 3321-0216
brasilia@pstu.org.br

ESPÍRITO SANTO
VITÓRIA - *vitoria@pstu.org.br*

GOIÁS
GOIÂNIA - R. 70, 715, 1º and./sl. 4 (Esquina com Av. Independência) (62) 3224-0616 / 8442-6126
goiania@pstu.org.br

MARANHÃO
SÃO LUÍS - (98) 3245-8996 / 3258-0550
saoluis@pstu.org.br

MATO GROSSO
CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165, Jd. Leblon (65) 9956-2942

MATO GROSSO DO SUL
CAMPO GRANDE - Av. América, 921 Vila Planalto (67) 384-0144
campogrande@pstu.org.br

MINAS GERAIS
BELO HORIZONTE *bh@pstu.org.br*
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31) 3201-0736
BETIM - R. Inconfidência, sl 205 Centro
CONTAGEM - Rua França, 532/202 - Eldorado - (31) 3352-8724
JUIZ DE FORA juizdefora@pstu.org.br
UBERABA R. Tristão de Castro, 127 - (34) 3312-5629
uberaba@pstu.org.br
UBERLÂNDIA - R. Ipiranga, 62 - Cazeca

PARÁ
BELÉM *belem@pstu.org.br*
Tv. do Vileta, 2519 - (91) 3226-3377
ICOARACI - R. Pe. Júlio Maria, 403/1 (91) 227-8869 / 247-7058
CAMETÁ - Tv. Maxparijós, 1195, B. Novo
RONDON DO PARÁ - R. Ayrton Senna, 147 (94) 326-3004
SÃO FRANCISCO DO PARÁ - Rod. PA-320, s/nº (ao lado da Câmara) (91) 96172944

PARAÍBA
JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto, 391, 1º andar - Centro (83) 241-2368 -
joaopessoa@pstu.org.br

PARANÁ
CURITIBA - R. Alfredo Buffren, 29 sala 4

PERNAMBUCO
RECIFE - Rua Leão Coroado, 20 - Boa Vista - (81) 3222-2549

PIAUÍ
TERESINA - Rua Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO
RIO DE JANEIRO *rio@pstu.org.br*
(21) 2232-9458
LAPA - Rua da Lapa, 180 - sobreloja
DUQUE DE CAXIAS - Rua das Pedras, 66/01, Centro
NITERÓI - Av. Visconde do Rio Branco, 633 / 308 - Centro *niteroi@pstu.org.br*
NOVA FRIBURGO - Rua Guarani, 62 - Cordueira (24) 2533-3522
NOVA IGUAÇU - Rua Cel Carlos de Matos, 45 - Centro *novaiguacu@pstu.org.br*
SÃO GONÇALO - Rua Ary Parreiras, 2411 sala 102 - Paraíso (próximo a FFP/UERJ)
SUL FLUMINENSE
sulfluminense@pstu.org.br
BARRA MANSA - Rua Dr Abelardo de Oliveira, 244 Centro (24) 3322-0112
VALENÇA - Pça Visc.do Rio Preto, 362/402, Centro (24) 3352-2312
VOLTA REDONDA - Av. Paulo de Frontim, 128- sala 301 - Bairro Aterrado
NORTE FLUMINENSE
MACAÉ - Rua Teixeira de Gouveia, 1766 (fundos) (22) 2777.3151
nortefluminense@pstu.org.br

RIO GRANDE DO NORTE
NATAL
CIDADE ALTA - R. Dr. Heitor Carrilho, 70 (84) 201-1558
ZONA NORTE - Rua Campo Maior, 16 Centro Comercial do Panatis II
CURRAIS NOVOS - Rua Candido Mendes, 150, Centro

RIO GRANDE DO SUL
PORTO ALEGRE *portoalegre@pstu.org.br*
CENTRO - R. General Portinho, 243 (51) 3024-3486 / 3024-3409
ALVORADA - Rua Jovelino de Souza, 233, Parada 46 (51) 9284-8807
BAGÉ - (53) 8402-6689 / 3241-7718
PASSO FUNDO - (54) 9993-7180
RIO GRANDE - (53) 9977-0097
SANTA MARIA - (55) 84061675 / 3223-3807, *santamaria@pstu.org.br*

SANTA CATARINA
FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 104, Centro (48) 3225-6831
floripa@pstu.org.br
CRICIÚMA - Rua Pasqual Meller, 299, Bairro Universitário, (48) 9102-4696
agapstu@yahoo.com.br

SÃO PAULO
SÃO PAULO *saopaulo@pstu.org.br*
www.pstusp.org.br
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11) 3313-5604
ZONA NORTE -Rua Rodolfo Bardela, 183 V. Brasilândia (11) 3925-8696
ZONA LESTE - R. Eduardo Prim Pedroso de Melo, 18 (próximo à Pça. do Forró) - São Miguel
ZONA SUL Santo Amaro – Av. João Dias, 1.500 - piso superior
BAURU - Rua Antonio Alves nº6-62 - Centro - (14) 227-0215
bauru@pstu.org.br
CAMPINAS - R. Marechal Deodoro, 786 (19) 3235-2867 - *campinas@pstu.org.br*
FRANCO DA ROCHA - R. Coronel Domingos Ortiz, 423 - Centro
francodarocha@pstu.org.br
GUARULHOS - *guarulhos@pstu.org.br*
Av. Esperança, 705 casa 2 Vila Progresso (11) 6441-0253
Av. João Veloso, 200 - Cumbica (11) 3436-8887
JACAREÍ - R. Luiz Simon,386 - Centro (12) 3953-6122
MOGI DAS CRUZES - Rua Engenheiro Gualberto, 53 - Centro - (11) 4796-8630
PRES. PRUDENTE - R. Cristo Redentor, 11 Casa 5 - Jd. Caiçara - (18) 3903-6387
RIBEIRÃO PRETO - Rua Monsenhor Siqueira, 614 - Campos Eliseos (16) 3637.7242 *ribeiraopreto@pstu.org.br*
SÃO BERNARDO DO CAMPO - R. Mal. Deodoro, 2261 - Centro (11) 4339.7186
saobernardo@pstu.org.br
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
sjc@pstu.org.br
CENTRO - Rua Sebastião Humel, 759 (12) 3941.2845
ZONA SUL - Rua Brumado, 169 - Vale do Sol
SOROCABA - Rua Prof. Maria de Almeida, 498 - Vl. Carvalho (15) 9129.7865 *sorocaba@pstu.org.br*
SUZANO *suzano@pstu.org.br*
TAUBATÉ - Rua D. Chiquinha de Mattos, 142/ sala 113 - Centro

SERGIPE
ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b
Cjto. Orlando Dantas (79) 3251-3530
aracaju@pstu.org.br

EDITORIAL

LULA NÃO FALA EM NOSSO NOME

AGÊNCIA CROMAFOTO

Delegação da Conlutas exige do presidente haitiano a retirada das tropas

Os defensores do governo Lula costumam dizer que sua política externa é uma expressão de "esquerda". Chegam a querer se justificar de toda a política de direita aplicada no país, falando que na política externa Lula é "progressista".

Não é verdade. Muito pelo contrário, a política externa de Lula é uma extensão da mesma submissão ao governo dos EUA que se demonstra nos planos econômicos. Nesta competição desenfreada para ver quem está mais à direita, acreditamos que a política externa ganha, ainda que por pontos.

Uma delegação da Conlutas com dirigentes sindicais de todo o país, militantes do PSTU, do PSOL e independentes, esteve por oito dias no Haiti. Visitou três cidades e conversou com operários(as), camponeses, estudantes e intelectuais. Discutiu com o presidente haitiano, o embaixador brasileiro e o comandante das tropas da ONU. A delegação pôde ter uma visão bastante completa da situação do país.

A conclusão de todos os seus membros é clara e dura: as tropas brasileiras asseguram o plano econômico que está sendo aplicado contra os trabalhadores haitianos. Cumprem o mesmo papel da polícia em uma greve no Brasil. Estão lá para garantir a privatização de todas as empresas estatais que sobraram, anunciada agora pelo presidente. Estão lá para garantir a imposição de um salário de fome de cerca de R$ 100 por mês e reprimir as greves nas multinacionais da zona franca.

A Carta aos Haitianos levada pela comissão da Conlutas diz corretamente que "nenhum povo pode ser livre se oprime outro povo". É preciso que as entidades sindicais, estudantis e populares de todo o país se somem a esta campanha pela retirada das tropas. Debates devem ser realizados em cada uma dessas entidades. Ao final deles, as entidades devem se posicionar, respaldando e assinando a carta. Para facilitar estas discussões, os membros da delegação se dispõem a fazer palestras sobre sua experiência em todo o país.

É preciso que os setores mais avançados dos trabalhadores e estudantes assumam uma campanha para explicar a todos que é mentira a famosa "missão humanitária" das tropas. Não existe nada de "humanitário" na invasão de um bairro pobre com fuzilamento dos que se oponham. Não existe nada de humanitário na repressão de uma greve. Não existe nada de humanitário em fazer a segurança das grandes empresas para que elas paguem R$ 100 por mês de salário por 12 horas de trabalho diário, sem direito a almoço ou sequer a ir ao banheiro.

É preciso construir um amplo movimento dos que querem libertar o Brasil do imperialismo. Para isso, é preciso não aceitar tampouco que nosso país e os soldados brasileiros sejam usados para oprimir um povo ainda mais explorado, a serviço de Bush.

OPINIÃO - Secretaria Regional de Mulheres do PSTU do Rio de Janeiro

As muitas "Sirleys" do Brasil

Secretaria de Mulheres do PSTU do Rio de Janeiro

No dia 23 de junho assistimos a mais um caso de opressão, a violência sofrida pela trabalhadora doméstica Sirley Dias Carvalho, no Rio de Janeiro. Mulher pobre e negra, ela esperava um ônibus de madrugada quando foi espancada por cinco jovens de classe média. Dias depois, "boyzinhos" do seriado global Malhação agrediram e roubaram uma garota de programa. Enquanto os assassinados nos morros pela polícia são "bandidos", estes agressores são chamados de "jovens" pela imprensa.

A violência atinge em cheio os trabalhadores, mas é preciso identificar que a agressão à mulher é muito maior. Diariamente mulheres são espancadas pelos pais, namorados e maridos. O machismo está incrustado em nossa sociedade de tal forma que a violência é caracterizada como algo natural e banal, inclusive por seu grande número de vítimas e pela cultura de inferiorização da mulher. Foi assim que o capitalismo pôde melhor explorar as mulheres, criando mão-de-obra mais barata e uma nova mercadoria, o corpo feminino.

Marcas da violência contra a mulher

A primeira desculpa usada pelos agressores de Sirley foi a de que pensaram se tratar de uma prostituta. Como se o fato de uma mulher vender o seu corpo – a pior forma de submissão e mais atroz violência – desse o direito aos homens de agredi-la e assassiná-la. A resposta a esses casos é sempre a impunidade e a humilhação das vítimas, vistas como as que provocaram seu próprio martírio. Não podemos esquecer perguntas como "com que roupa você estava?" ou "isso é hora de mulher andar na rua?", dirigidas às vítimas femininas sempre que sofrem violência. É como se as meninas do Nordeste brasileiro fossem as responsáveis pelo turismo sexual e não o governo, que não dá qualquer perspectiva a elas, oferecendo-as num pacote turístico.

Dados de ONGs e do próprio governo são alarmantes, apesar de muitas mulheres não denunciarem a violência por medo de represálias. A quase totalidade das vítimas é de mulheres trabalhadoras, pobres e negras. Infelizmente, não há uma política conseqüente para resolver tais questões. Delegacias especiais não bastam. É necessário que as mulheres possam ter casas-abrigos para elas e para seus filhos e que, antes de tudo, possam ter emprego e serem independentes financeiramente para não ficarem reféns de seus agressores.

Não basta combater apenas a violência doméstica. É preciso lutar contra todo tipo de violência sexual e o machismo em todas as esferas. É preciso dar à mulher liberdade sobre seu corpo, descriminalizar o aborto e colocar a saúde da mulher como dever do Estado de fato. Além de acabar com a pior das violências: a miséria que joga as mulheres na prostituição e sustenta todos os outros tipos de agressão às mulheres.

COM O APOIO DE LULA, RENAN DIZ QUE NÃO "ARREDA O PÉ"

ENQUANTO ISSO, Joaquim Roriz renuncia para continuar impune

JEFERSON CHOMA, da redação

Os escândalos de corrupção estão desmoralizando as instituições da democracia dos ricos umas após as outras. Mais uma vez as regras do jogo sujo estão expostas na mesa. Grandes empresas e bancos financiando ilegalmente os grandes partidos, inclusive o PT. Uma justiça corrupta, envolvida em esquemas de propina, que livra a cara dos poderosos para punir os pobres. Um congresso repleto de picaretas, todos no bolso dos grandes capitalistas nacionais e estrangeiros. O mar de lama também atinge o Palácio do Planalto, evolvendo familiares, amigos e aliados de Lula. Mais uma vez o presidente diz que "não sabia de nada".

PARA CONTINUAR IMPUNE

Enquanto a crise política se aprofunda, na semana passada o senador Joaquim Roriz (PMDB-DF) renunciou ao seu mandato para escapar da cassação. O ex-governador segue a mesma trilha de mensaleiros e sanguessugas, que renunciaram aos seus cargos para voltar nas próximas eleições. Roriz foi flagrado numa gravação telefônica combinando a divisão de R$ 2,23 milhões num escritório de Brasília. A partilha do dinheiro envolvia o ex-presidente do Banco de Brasília, Tarcísio Franklin de Moura, e o dono da companhia aérea Gol, Nenê Constantino.

Com a renúncia, o suplente de Roriz, Gim Argello (PTB), poderá assumir sua vaga no Senado. Mas Gim enfrenta as mesmas acusações que recaem sobre seu antecessor. Como se isso não bastasse, o suplente também é investigado pelo Ministério Público por ter recebido vantagens na regularização de um condomínio. Argello teria ainda cometido uma série de irregularidades na Câmara Legislativa do Distrito Federal, quando presidia a Casa, onde teria causado um prejuízo de R$ 1,7 milhão. Ao todo o suplente responde a seis processos ou inquéritos civis e criminais.

A rapidez do desfecho do caso Roriz contrasta com a lentidão dos processos contra o presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL). Mas isso tem uma explicação. Ao contrário de Renan, o corrupto Roriz não tinha as costas quentes para manipular as investigações nem o apoio incondicional de Lula. Além disso, o governo tentou utilizar o escândalo envolvendo Roriz para desviar as atenções de todo o mar de lama que envolve Renan Calheiros. Não funcionou.

"NÃO ARREDO O PÉ"

O deprimente espetáculo de corrupção rende imagens e situações cada vez mais grotescas. O cinismo é sem precedentes. Com o apoio incondicional do governo, Renan se sente mais confiante. Na última semana, o senador chegou a declarar que "não arreda o pé" da presidência do Senado. Além de ser acusado de ter recorrido a um lobista da construtora Mendes Júnior para pagar a pensão de sua filha com uma jornalista, Renan é acusado de enriquecimento ilícito e de ter beneficiado a cervejaria Schincariol em Alagoas. Segundo denúncias da revista Veja, a empresa adquiriu por R$ 27 milhões uma fábrica de seu irmão, o deputado Olavo Calheiros (PMDB-AL), quando esta estaria prestes a fechar. O preço estaria acima do de mercado, mas a conclusão do negócio serviu para que Renan conseguisse evitar a cobrança de uma dívida de R$ 100 milhões da Schincariol com o INSS e uma outra com a Receita Federal.

PCDOB DEFENDE RENAN

Como se não bastassem todas as estripulias para livrar a cara de Renan, chamou a atenção o papel que está sendo cumprido pelo PCdoB. Ressuscitando o surrado argumento dos "golpe das elites", o partido ignorou todas as evidências contra Renan e disse que as denúncias não passam de uma manobra da direita e da mídia golpista para atingir o governo Lula. A última edição do jornal do PCdoB saiu na defesa explícita do senador corrupto. "*Até agora todos os depoimentos e documentos que chegaram ao conhecimento da Comissão de Ética do Senado mostram que não há qualquer veracidade nesta acusação plantada pela própria jornalista Mônica Veloso que, junto com seu advogado Pedro Calmon, tentam chantagear o presidente do Senado*", diz o artigo publicado no jornal. Para o partido, o plano do "Fora" Renan "*é pegar o presidente Luiz Inácio Lula da Silva*".

Classe Operária
MÍDIA JOGA SUJO NO CASO RENAN

JOSE CRUZ/AG.BRASIL

Lula protege corrupto
AO LADO: PC do B retoma a tese do golpe das elites

Mais uma vez, o PCdoB age como cão de guarda do governo Lula, repetindo a mesma tese furada do golpe das elites aplicada para defender o governo na crise do mensalão, em 2005. Trata-se de mais uma falsificação da realidade, tipicamente stali-nista, que tenta esconder o óbvio: Lula se aliou à direita e governa para a grande burguesia.

Por outro lado, pesa também a relação institucional que o partido construiu com Renan Calheiros quando o deputado Aldo Rebelo (PCdoB) presidia a Câmara dos Deputados. Ao se converter em uma legenda eleitoral, financiada com o dinheiro do Estado e de empresários, o PCdoB aprofundou como nunca a sua decadência política.

NENHUMA CONFIANÇA

O Congresso Nacional já mostrou inúmeras vezes seu compromisso de abafar qualquer tipo de escândalo. Pelos corredores da instituição a corrupção caminha ao lado de ataques que o governo e parlamentares querem infligir aos trabalhadores brasileiros.

Nenhuma investigação será levada até o fim pelo Congresso, pois a imensa maioria dos parlamentares está com o rabo preso. Portanto, qualquer proposta de uma CPI para investigar os escândalos de corrupção vai acabar em pizza. Defendemos a bandeira do "Fora Renan", mas discordamos dos parlamentares do PSOL que, junto aos partidos burgueses como PPS e PV, jogam a ilusão de que é possível "recuperar" o Congresso Nacional. Essa idéia é semelhante à proposta defendida pelo PT de "ética na política", e deu no que deu. Além disso, joga ilusões na possibilidade de reformar essa instituição corrupta que está a serviço do capital.

Os trabalhadores não devem depositar nenhuma confiança neste Congresso de picaretas. Defendemos a imediata saída de Renan Calheiros, mas não temos a ilusão de que é possível "limpar o Congresso". Por isso, defendemos a quebra de todo sigilo fiscal e bancário dos acusados e das grandes empresas, além da prisão e do confisco dos bens de todos os corruptos e corruptores. Deputados e senadores devem receber salários proporcionais aos dos trabalhadores, compatíveis com os de operários especializados. É preciso ainda acabar com a impunidade do Congresso, instituindo a revogabilidade dos mandatos.

SOB PRETEXTO DO PAN, RIO INAUGURA NOVO MODELO DE REPRESSÃO

OCUPAÇÃO PERMANENTE de comunidades foi testada na ação de tropas da ONU no Haiti

***DIEGO CRUZ**, da redação*

Em meio a uma estreita viela no Complexo do Alemão, um policial caminha passivo sob corpos perfurados alinhados no chão. Em uma mão, carrega um fuzil. Na outra, um charuto. A imagem que poderia ser uma cena do massacre americano no Iraque ilustra a nova política de segurança pública inaugurada durante os preparativos para os Jogos Pan-Americanos no Rio de Janeiro. Enquanto o governo festeja a eleição da estátua do Cristo Redentor como a nova maravilha do mundo, bem perto dali não há o que comemorar.

O protagonista da cena que estampou jornais e a capa da revista "Época" é o inspetor da Polícia Civil Leonardo da Silva, o "Trovão". Treinado pela Swat americana e pelo Centro de Inteligência da Marinha, ex-Cenimar (órgão de repressão da ditadura), o policial pediu emprestado a um amigo um uniforme idêntico ao utilizado pelos marines e conta que seu maior sonho é "lutar em Bagdá". Mas a lógica de guerra não se limita aos delírios de um policial – é parte de uma ação desencadeada contra a população pobre do Rio.

A investida da polícia contra o conjunto de favelas no Complexo do Alemão, iniciada no dia 2 de maio, já resultou em 50 mortes e mais de 70 feridos. Em apenas uma ação, realizada no dia 26 de junho, 19 pessoas foram mortas, de acordo com os dados oficiais. A ação resulta de um ataque coordenado pelo governo do Rio e o governo federal. A polícia carioca, com a cobertura da Força Nacional de Segurança, invadiu e ocupou a comunidade. Várias denúncias dão conta de execuções sumárias praticadas por policiais.

NOVA TÁTICA DE REPRESSÃO

A proximidade entre o massacre e os jogos do Pan não é coincidência. O objetivo da polícia é intimidar não só traficantes, mas a própria população, de acordo com a política de higienização da cidade. O que impõe um novo modelo de repressão, testado nas ações das tropas brasileiras no Haiti. Se antes a ação da polícia restringia-se a ações temporárias nos morros, agora a tática é a ocupação permanente das comunidades.

O plano foi desenvolvido para ser implantado no Rio, mas teve em Porto Príncipe seu primeiro laboratório. "*Mesmo que as operações realizadas no Haiti sejam específicas, elas têm conceitos e estratégias semelhantes aos visualizados para o Rio de Janeiro*", afirmou o coronel Cláudio Barroso Magno Filho, comandante da Minustah, ao jornal O Estado de S. Paulo em maio. O que ocorre hoje no Rio segue o padrão da ocupação na favela Cité Soleil, na capital haitiana.

Isso significa que, longe de ser uma luta contra o tráfico e o crime organizado, o plano considera toda a população da comunidade ocupada como uma força hostil e, portanto, alvo da repressão.

MÍDIA APÓIA BARBÁRIE

Apesar das cenas de barbárie e das denúncias de execuções, a grande imprensa elogiou o massacre da polícia. A revista Época, que estampa a foto do policial no Complexo do Alemão, trazia como manchete: "Um ataque inovador". Já a revista Veja estampou o seguinte título: "*A guerra necessária para a reconstrução do Rio*".

Em geral os meios de comunicação repetiram o argumento do governador do Rio, Sérgio Cabral (PMDB). Para ele, a ação nos morros do Rio foi exemplar e as mortes de inocentes foram meros "efeitos colaterais". "*Quando se tem uma infecção generalizada, é muito melhor dar um antibiótico que vai resolver o problema, mesmo que tenha efeitos colaterais*", afirmou. Tal discurso tenta ganhar o apoio de setores médios da população para a ação repressiva da polícia.

LULA QUER EXPANDIR AÇÃO

O presidente também apoiou a chacina da polícia no Complexo do Alemão. "Tem gente que acha que é possível enfrentar a bandidagem jogando pétalas de rosas", disse. Lula anunciou a continuidade da parceria com o governo carioca para o "combate à violência". Novos investimentos foram anunciados para aumentar ainda mais o aparato repressivo da polícia.

O Rio é a ponta de lança do novo modelo de repressão, mas o governo Lula quer ampliar e estender a estratégia para todo o país. O chamado PAC da Segurança anunciado pelo governo federal prevê a ocupação de comunidades pela Força Nacional de Segurança em várias partes do país.

Onze regiões metropolitanas receberiam as tropas num primeiro momento. A Força Nacional reforçada atuaria nas periferias de São Paulo (SP), Vitória (ES), Belém (PA), Recife (PE), Maceió (AL), Salvador (BA), Porto Alegre (RS), Curitiba (PR) e Brasília (DF).

O VERDADEIRO PAPEL DA POLÍCIA

Enquanto isso é cada vez mais evidente o verdadeiro papel da polícia. A instituição não só não combate o crime, como é um de seus maiores causadores. Segundo o jornal O Estado de S. Paulo, a polícia paulista seria responsável por um terço das 21 chacinas cometidas só este ano.

Um vídeo revelado pelo jornal Extra flagrou a execução sumária de um vigia realizada por um PM na cidade de Caixas (RJ). O crime chocou pela brutalidade e covardia com que o policial atirou no trabalhador desarmado. Imagens e cenas chocantes, mas cotidianas para jovens e trabalhadores das periferias, mostrando que a pena de morte existe na prática para essa parte da população.

DOIS PESOS E DUAS MEDIDAS

Uma vez que o Estado e a polícia vêem o povo pobre e trabalhador como criminosos em potencial, não é de se espantar o crescimento dos casos de violência praticados por grupos de delinqüentes de classe média alta contra trabalhadores. Nestes casos a hipocrisia da mídia é gritante. Enquanto os assassinados nos morros pela polícia são "bandidos", os agressores de classe média são apenas "jovens". Isso expressa bem o caráter de classe da imprensa burguesa.

Um programa socialista de combate a violência

A atual política de segurança pública baseada na repressão policial já demonstrou sua completa falência. Enquanto a transferência de recursos públicos aos banqueiros e agiotas internacionais impede educação e saúde de qualidade, impondo um modelo econômico recessivo e desemprego, nas periferias grande parte da juventude tem no tráfico sua única opção de subsistência.

Para combater a violência, o PSTU defende, em primeiro lugar, o fim do pagamento dos juros da dívida pública e o investimento maciço em serviços públicos e na geração de empregos. A única forma de combater a violência é atacar a raiz do problema, a política econômica recessiva que joga milhões de jovens na criminalidade.

Outra medida seria a dissolução das atuais polícias, que estão entre as principais causadoras da violência. A população deve formar sua própria autodefesa, constituindo e elegendo sua polícia. Esta, por sua vez, deve ter total liberdade de organização sindical.

O PSTU também defende a descriminalização das drogas, um meio para acabar com tráfico. Por fim, somos a favor do combate aos maiores criminosos do país – a condenação dos políticos corruptos colocaria um fim aos inúmeros exemplos de impunidade hoje.Um programa dos trabalhadores para combater a violência

A atual política de segurança pública baseada na repressão policial já demonstrou sua completa falência. Enquanto a transferência de recursos públicos aos banqueiros e agiotas internacionais impede educação e saúde de qualidade, impondo um modelo econômico recessivo e desemprego, nas periferias grande parte da juventude tem no tráfico sua única opção de subsistência.

Para combater a violência, o PSTU defende, em primeiro lugar, o fim do pagamento dos juros da dívida pública e o investimento maciço em serviços públicos e na geração de empregos. A única forma de combater a violência é atacar a raiz do problema, a política econômica recessiva que joga milhões de jovens na criminalidade.

Outra medida seria a dissolução das atuais polícias, que estão entre as principais causadoras da violência. A população deve formar sua própria autodefesa, constituindo e elegendo sua polícia. Esta, por sua vez, deve ter total liberdade de organização sindical.

O PSTU também defende a descriminalização das drogas, um meio para acabar com tráfico. Por fim, somos a favor do combate aos maiores criminosos do país – a condenação dos políticos corruptos colocaria um fim aos inúmeros exemplos de impunidade hoje.

VIAGEM AO HAITI REBELDE

A delegação da Conlutas esteve no Haiti entre os dias 26 de junho e 4 de julho, para protestar contra a presença de tropas brasileiras neste país. O Opinião Socialista dedica um caderno especial à cobertura desta viagem e suas conclusões.

O QUE FAZEM AS TROPAS BRASILEIRAS NO HAITI

***EDUARDO ALMEIDA**,*
da redação

Um dos elementos centrQuando falo sobre o que vimos no Haiti, as pessoas se surpreendem. A maioria absoluta do povo brasileiro acredita que as tropas brasileiras estão nesse país em missão humanitária, contra a fome e para garantir a segurança contra as gangues de bandidos. Mas a realidade é bem diferente.

A VERDADE SOBRE AS ZONAS FRANCAS

Ninguém sabe que está em curso a implantação de um plano econômico no Haiti, que inclui 18 zonas francas, com multinacionais produzindo para o mercado norte-americano.

Visitamos uma dessas fábricas, a Codevi, de Houanaminthe. Ao chegarmos às portas da empresa, encontramos cinco taperas de madeira sem paredes, que fariam qualquer barraco da pior favela brasileira parecer um palacete. São locais onde comem seis mil trabalhadores, lembrando bem o passado da escravidão.

A Codevi é uma multinacional, parte de um conglomerado dominicano (o Grupo M) ligado ao banco Chase Manhattan, que fabrica jeans para marcas famosas como Levis e Wrangler. Seus trabalhadores ganham U$ 48 por mês (menos de R$ 100) e trabalham vigiados por guardas armados.

Em 2003 a empresa reagiu contra a organização de um sindicato com a demissão de 370 ativistas. Os trabalhadores fizeram greves e uma campanha internacional que chegou aos EUA. Uma aliança com estudantes universitários de Nova York e Los Angeles possibilitou um boicote aos jeans dessas marcas. Depois de mais de um ano de luta, a empresa teve de readmitir os operários. Em nossa visita, uma operária nos falou da mobilização atual contra a demissão de 42 trabalhadores por causa de uma greve espontânea por salários.

Em Cité Soleil, onde está sendo organizada outra zona franca, conhecemos os trabalhadores da Hanes, a mais importante fabricante de camisetas dos EUA. Essa multinacional acaba de demitir 600 operários para fechar a fábrica, e se recusa a pagar os direitos trabalhistas dos demitidos.

Ouvimos uma das operárias falar indignada sobre as condições de trabalho na empresa. Disse que elas trabalhavam 12 horas seguidas, sem direito a nenhum intervalo, nem para o almoço, ganhando 70 gourdes ao dia (uns R$ 110 por mês). A fábrica colocava cadeado nas portas para evitar o abandono da linha de produção para ir ao banheiro. Agora demite todo mundo e não quer pagar nada. A operária fez uma comparação justa: "*somos os escravos modernos*".

As tropas brasileiras estão no país para ajudar as multinacionais, como a Codevi e a Hanes, a explorar brutalmente essa mão-de-obra barata. O objetivo não é resolver a pobreza, mas produzir para o mercado norte-americano a custos mínimos. Por isso, as empresas pagam salários três vezes menores que os já baixíssimos do Brasil, e ainda contam com uma enorme reserva com 80% da população desempregada.

ETANOL: O ACORDO ENTRE LULA E BUSH PARA EXPLORAR O PAÍS

Lula estabeleceu em maio de 2006 um acordo com o governo haitiano de cooperação técnica para a produção de etanol.

Com as terras férteis e a mão-de-obra baratíssima do Haiti, o plano envolve o agronegócio brasileiro em acordo com o governo Bush para responder a parte das necessidades do mercado dos EUA.

Obviamente não se está pensando na produção de alimentos para suprir a fome do povo haitiano, mas em etanol para abastecer os automóveis norte-americanos.

SEGURANÇA PARA QUEM?

Na discussão de nossa delegação com o embaixador brasileiro, ele defendeu a ocupação militar para "garantir a segurança". Ele se gabava que a ação das gangues tinha diminuído pela repressão das tropas.

Mas o próprio embaixador esclareceu o objetivo desta ação. Ele dizia que isso é fundamental para que os "investidores possam vir para o Haiti". Ou seja, ele defende a segurança para as multinacionais.

O Congresso dos EUA aprovou há cerca de um mês – depois da "segurança" proporcionada pelas tropas brasileiras – a lei Hope, que abre o mercado dos EUA para empresas têxteis estabelecidas no Haiti.

Como parte da negociação dessa lei, há três semanas o presidente René Préval, depois de chegar dos EUA, anunciou a privatização da telefônica, dos portos, do aeroporto e da saúde.

O que preocupa as grandes empresas não é essencialmente o problema das gangues. É a possibilidade de uma nova insurreição no Haiti, como as que já ocorreram ao longo de sua história.

A burguesia haitiana não conseguiu garantir nenhum Estado nacional. Não estabilizou uma democracia burguesa, e por isso recorreu 56 vezes a golpes de Estado. Não conseguiu garantir sequer um exército. As forças armadas foram dissolvidas em 1994 pelo governo Aristide, e sobrou apenas a odiada polícia haitiana.

Na conversa com o presidente Préval, ele também nos dizia que as tropas teriam que ficar "*até que se pudesse reorganizar as forças armadas*". As forças da ONU já reprimiram diretamente uma greve em uma fábrica, a Larsco.

As tropas estrangeiras cumprem o papel do Estado para assegurar a dominação das multinacionais e prevenir uma insurreição.

A GRANDE FARSA

Para o povo brasileiro é vendida a idéia de que o governo Lula se preocupa com a pobreza dos haitianos e que as tropas cumprem ações humanitárias.

Essa é uma operação de propaganda tão falsa quanto aquela para invadir o Iraque – a existência de armas de destruição em massa de Saddam Hussein. Como se comprovou, Bush queria roubar o petróleo iraquiano.

Para as grandes multinacionais e o agronegócio brasileiro, a pobreza haitiana é lucrativa, pois explora uma mão-de-obra semi-escrava. A ocupação militar e o plano econômico reduzem o Haiti novamente a uma colônia.

O Brasil está ocupando militarmente o Haiti a serviço do governo Bush. Seria muito mais difícil para os EUA ocuparem o país sem despertar uma reação violenta de seus habitantes. Os brasileiros são admirados pelo futebol e pela identidade na cultura negra e latino-americana.

Lula comete no Haiti um de seus maiores crimes. O Brasil revela o papel de sub-metrópole que cumpre no continente, de um país explorado que ajuda a explorar outros em situação ainda pior. Tudo a serviço do imperialismo ianque.

AGENCIA CROMAFOTO

Soldados da ONU intimidam população haitiana

CARTAS DO HAITI

Na edição passada trouxemos as três primeiras cartas enviadas por Eduardo Almeida do Haiti. Publicamos agora as últimas. Você pode conferir todas as cartas no Portal do PSTU.

4º DIA

"Saudamos vocês, aqui não há patrões"

Ando por Porto Príncipe pela manhã bem cedo. As ruas estão sempre cheias. Com um desemprego de 80%, o povo haitiano se dedica a vender de tudo. O povo negro, de uma beleza que impressiona, se mistura com os sinais da miséria. O lixo se espalha em grandes montes por todos os lados."É hora de viajar. Vamos para Cap-Haitien, ou Le Cap, como chamam os haitianos. A estrada é sinuosa, cheia de buracos. Sete horas depois, chegamos. Somos recebidos numa sede de Batay Ouvriére e depois levados para o local do ato."A entrada põe lágrimas nos olhos de muitos de nós. Vestidos com as camisetas azuis de Batay Ouvriére, 400 pessoas cantam em créole de forma ritmada, no estilo africano que lembra o candomblé brasileiro ou o gospel dos negros americanos. Vamos entrando e a música ecoa no amplo salão: "saudamos vocês, aqui não há burgueses, aqui não há patrões"."Sentamos em cima do palco e eles continuam a cantar: "soubemos que a burguesia armou uma cilada para matar alguns dos nossos. Que venham eles, somos touros, somos fortes". Ali estão representantes dos trabalhadores sem terra que em 2002 tiveram dois companheiros assassinados pela repressão do governo de Aristide. "Eles se apresentam: sindicatos de operários de uma indústria de refrigerantes, outra de cerveja, operários rurais, sem-terra, associações de bairro, estudantes. "A Batay Ouvriére tem uma força importante na região. Fazem atos no 1º de maio que passam em todos os bairros, chegando a reunir dez mil pessoas. É a vanguarda deste povo que nos recebe hoje."Um deles diz ser necessário lutar contra os oportunistas que dizem falar em nome do povo. Cita Lula e Aristide e fala de como traíram as esperanças dos trabalhadores. "O ato termina com muitos dançando e, em coro, cantado em créole. Haja coração!

6º DIA

"Sintam-se em casa"

A última atividade junto aos haitianos não poderia ter um lugar mais significativo: Cité Soleil, a maior favela do Haiti. O lugar mais violento da capital Porto Príncipe, onde a Minustah já realizou duros ataques, sempre com a desculpa de repressão às gangues."Na última invasão, nos conta um membro de Batay Ouvriére, chegaram com helicópteros e tanques. Ninguém sabe quantos morreram, mas ele calcula que foram cerca de 150 pessoas.""Esta região foi também a escolhida para ser receber mais uma zona franca. Cité Soleil, Minustah, zona franca. A opressão violenta tem um sentido econômico claro.""Entramos em Cité. Marrom, um companheiro da delegação, liderança da ocupação do Pinheirinho de São José dos Campos (SP), vai conhecer algumas casas. Volta impressionado: usam latrinas rudimentares e há túmulos nos quintais.""Paramos o ônibus em frente a uma escola onde vai ser feito o ato. A sala é ampla, mas está superlotada com umas 250 pessoas. E olhe que era exatamente a hora do jogo entre Brasil e Chile. ""Os rostos são simpáticos e gentis, nos recebem com uma camaradagem a que já nos acostumamos. Um companheiro do Batay diz para nos sentirmos em casa. De fato, nos sentimos entre amigos, como entre trabalhadores brasileiros. Fico pensando em como a luta comum rompe barreiras: estamos em casa em Cité Soleil, como nenhum outro estrangeiro poderia estar.""São feitas as apresentações, como de praxe. No meio do ato, o Brasil faz seu segundo gol e é a maior festa. Finalmente conseguimos ver a reação do povo haitiano ao futebol brasileiro. Ainda bem que desta vez a seleção ajudou.""No final, todos alegres por terem visto uma Cité Soleil desconhecida: a rebelde. Interessante, não vejo mais sinais de cansaço nas pessoas...

8º DIA

A solidariedade do Batay Ouvriére

O carro anda pelas ruas de Porto Príncipe em direção ao aeroporto. Dentro de pouco tempo, viajamos de volta ao Brasil. Olho mais uma vez as pessoas nas ruas, com uma ponta de saudade. Aqui, ao contrário do Rio de Janeiro, a burguesia mora nos morros.""Em uma semana, a delegação fez muito. Cerca de 1.200 pessoas estiveram em reuniões conosco. Proporcionalmente, seria como se reuníssemos 25 mil pessoas no Brasil. ""A imagem que levamos desmente a ideologia dos ocupantes. Sim, porque a ocupação tem uma estratégia econômica (as zonas francas e o biodiesel), uma face militar (a Minustah) e uma ideologia: é preciso que as tropas permaneçam aqui porque este povo não tem condições de se governar.""Isso não tem nada de novo. É só a atualização da ideologia colonial da escravidão – os negros não tinham condições de fazer outra coisa que não fosse se submeter aos brancos. O que a elite haitiana e as multinacionais temem não são as gangues. É a possibilidade de uma nova rebelião, agora sob a forma de uma revolução. A história desse povo já mostrou que isso é possível e pode se repetir.""A despedida no aeroporto é emotiva. Aqui não só conhecemos um povo, fizemos amigos. O pessoal de Batay vai fazer uma declaração de solidariedade ao povo do Complexo do Alemão, onde a polícia carioca matou, ao menos, 19 pessoas. Aliás, a polícia daí fala que estão usando o que as tropas brasileiras aprendem aqui. Afinal, o Haiti é aqui... e aí.

Ativistas haitianos recebem a delegação da Conlutas com festa

"Criticar a ocupação foi uma posição corajosa"

Prestes a embarcar para o Brasil, o dirigente da Batay Ouvriére, Didier Dominique, concedeu uma breve entrevista sobre a caravana da Conlutas. O Batay é uma organização haitiana semelhante à Conlutas, que coordena lutas sindicais e populares em todo o país.

*Por **RODRIGO CORREIA**, especial para o Opinião*

Que balanço você faz da visita da delegação?

Didier – É um balanço muito positivo, em todos os sentidos. Vários setores de Batay Ouvriére e de outras organizações convidadas ficaram muito satisfeitos com a posição dos companheiros da Conlutas. Uma posição franca, clara e precisa. Apesar da pouca cobertura na imprensa, sabemos que a reação foi muito positiva. É raro uma delegação vir aqui criticar as tropas brasileiras. Essa posição corajosa foi muito bem vista pelos haitianos, que nos atos sempre saudavam e aplaudiam a delegação.

Quais são os próximos passos?

Didier - Creio que para a delegação foi muito positivo ver os problemas aqui, discutir com o povo, com os trabalhadores, camponeses, desempregados e mulheres. Ir aos atos discutir, sentir mesmo a recepção. E também a participação da delegação nos atos culturais, visitar a cidade de Houanaminthe, ir ao ritual de vodu. Isso conta muitíssimo para as relações humanas e de conhecimento. Eu acredito que as relações Conlutas e Batay são agora mais estreitas e de maior confiança. Nós fomos ao encontro do dia 25 de março. Agora os brasileiros da Conlutas vieram aqui, conheceram não somente o país, mas a Batay, sua organização e seu povo.

CRÔNICA DE UMA REVOLUÇÃO NEGRA

EDUARDO ALMEIDA, da redação

A imagem que se tem dos haitianos no Brasil é a da miséria em que este povo vive. Esta é apenas uma parte da verdade. A outra só pode ser entendida se conhecermos a história do Haiti: este também é um povo rebelde e altivo, com um histórico exemplar de lutas e vitórias em seu passado.

Mais ainda, ao conhecermos sua história e ver a miséria atual, pode-se esperar uma nova rebelião, agora contra a dominação imperialista garantida pelas tropas brasileiras.

OS ESCRAVOS NA COLÔNIA

Os haitianos constituem o povo negro que conseguiu realizar a primeira e única revolução dos escravos vitoriosa da história. No decorrer dos séculos houve muitas rebeliões de escravos. Na Antiguidade, a mais conhecida foi a liderada por Spartacus, em 74 a.C., contra o Império Romano. Como tantas outras, inclusive no período pós-1500, a revolta de Spartacus foi derrotada.

Contudo, no Haiti, na história foi diferente. Os escravos não só foram vitoriosos, como derrotaram os exércitos das principais potências coloniais da época, como Inglaterra, Espanha e França.

A colônia de Santo Domingo foi entregue à França pela Espanha pelo tratado de Ryswick, de 1695. A ilha chegou a ser a principal colônia de todo o mundo com a produção de açúcar, mercadoria mais cobiçada da época. A renda alimentava a burguesia mercantil de Marselha, Nantes e Bordéus, a base social dos girondinos (ala direita da burguesia na Revolução Francesa).

A produção era garantida com 500 mil africanos escravizados. Cerca de 30 mil brancos exploravam os negros com métodos brutais, trabalho duríssimo, tortura sistemática e muitas vezes a morte perante qualquer falha. A expectativa de vida dos escravos, depois de chegar à ilha, era de três anos em média.

O EXÉRCITO NEGRO DE TOUSSAINT LOUVERTURE

A revolução dos escravos acompanhou passo a passo os momentos da Revolução Francesa. Em 1789, as massas francesas tomaram a Bastilha, abalando profundamente a monarquia, e a crise se instalou entre as classes dominantes de Santo Domingo.

Em 1791, teve início a revolta dos escravos, com um primeiro ensaio organizado por Bouckman. Enquanto isso, entre 1792 e 1794, na França, a revolução atingia seu auge, com a tomada do poder pelos jacobinos (ala esquerda da burguesia, dirigida por Robespierre), que, dentre outras coisas, decretaram o fim da escravidão.

Este período coincidiu com o ascenso da revolução dos escravos, dirigido por sua maior liderança, Toussaint Louverture, que articulou um poderoso exército negro e impôs seguidas derrotas às tropas coloniais.

Nesse processo, Toussaint se utilizou de uma aliança com os espanhóis que lhe forneciam armas contra a dominação francesa. Com o fim da escravidão, ele assumiu a bandeira francesa e se tornou o primeiro comandante negro das forças em Santo Domingo que, contudo, continuava sendo uma colônia francesa.

Nos sete anos seguintes, Toussaint expulsou os exércitos espanhóis e ingleses e se transformou, de fato, no único governo local, decretando uma nova constituição, em 1801. Mesmo sem estabelecer a independência, ela não mantinha nenhum poder real francês acima dele.

Enquanto isso, na França, a revolução entrava em um longo período de refluxo e reação, que culminou com a chegada de Napoleão Bonaparte ao poder. O plano de Napoleão era restabelecer a escravidão em Santo Domingo e, para isso, uma nova expedição com 47 mil soldados foi enviada à ilha, comandada por seu cunhado, Leclerc.

Nesse momento, os exércitos de Napoleão tinham um papel progressivo na Europa ao combaterem a reação feudal. Já suas investidas militares contra Santo Domingo eram o oposto, com conteúdo claramente contra-revolucionário.

OS NEGROS DERROTAM NAPOLEÃO BONAPARTE

O exército de Toussaint detinha o poder em Santo Domingo e estava gestando uma nova classe dominante negra, com seus generais se apossando de terras. Além disso, por mais que tivesse informações sobre os preparativos de Napoleão, Toussaint permaneceu preso aos limites de sua formação, sobre a qual os ideais da revolução francesa pesavam.

Em suma, o dirigente negro não podia acreditar que Napoleão quisesse decretar a volta da escravidão e a retomada da ilha. Isso possibilitou que os franceses tivessem vitórias fulminantes ao desembarcarem na ilha.

Mas, quando sofreu as primeiras derrotas, Toussaint reorganizou seu exército e, em batalhas memoráveis, levou os franceses a pesadas perdas, aumentadas pela febre amarela que também ajudou a causar baixas nas tropas coloniais.

Quando já podia passar à ofensiva e expulsar as tropas de Napoleão, Toussaint mais uma vez mostrou seus limites: fez um acordo com o exército quase derrotado de Leclerc, que concordou agradecido.

Louverture queria mostrar a Napoleão suas “boas intenções”, mas acabou sendo preso e levado à França, onde foi deixado para morrer de frio nas masmorras de uma prisão nos Alpes.

Em 1804, uma nova rebelião negra comandada por Dessaline, um dos generais de Toussaint, massacrou os franceses e decretou a independência da ilha, que passou a se chamar Haiti.

O todo poderoso exército de Napoleão havia sido derrotado pelos negros haitianos. Era a primeira revolução negra da história, a primeira revolução anticolonial na América Latina.

C.L.R. James, o autor de “Os jacobinos negros” (o livro mais importante sobre a história do Haiti, do qual retiramos estes extratos), observa que os escravos haitianos estavam concentrados em grandes plantações, que produziam para o mercado capitalista. Exatamente por isso puderam organizar suas rebeliões como o proletariado moderno e conseguir suas vitórias. Isto ocorreu quase setenta anos antes da Comuna de Paris e mais de um século antes da Revolução Russa.

DA REVOLUÇÃO NEGRA AOS TEMPOS ATUAIS

EDUARDO ALMEIDA, *da redação*

A revolução negra tornou o Haiti um país independente, um exemplo que logo as grandes potências trataram de isolar, buscando asfixiá-lo em termos econômicos.

As contradições internas também enfraqueceram o novo Estado. Uma nova classe dominante foi constituída pela cúpula do exército, com os generais tomando grandes propriedades rurais. O Haiti se dividiu em duas partes, com Cristophe, no norte, e Pétion, no sul.

Em 1825, para romper o bloqueio econômico, o Haiti se submeteu às condições impostas pela França, concordando em pagar 150 milhões de francos pelas "perdas" decorrentes da independência. Anos depois, a soma foi reduzida para 90 milhões de francos, que foram pagos até o ano de 1947, consumindo 80% do orçamento nacional. Em valores atuais, a "dívida" corresponderia a cerca de US$ 21 bilhões, o que na prática acabou com a independência do país.

Os EUA invadiram o Haiti em 1915, lá permanecendo por cerca de vinte anos. Como demonstração de seus "modernos" métodos, o novo imperialismo crucificou Peralte, o principal líder da resistência à invasão. E ainda roubou todo o ouro do Banco Central.

Em 1957, Papa Doc – fiel aliado dos EUA – chegou ao poder, dando início a uma das mais violentas ditaduras da América Latina. Em 1971, com sua morte, o poder foi transmitido para seu filho, Baby Doc, até este ser derrubado por uma revolução em 1986.

VITÓRIA DA FRENTE POPULAR

Outros governos militares seguiram no poder depois da queda de Baby Doc, até que finalmente foram convocadas eleições em dezembro de 1990. Nelas o padre Jean-Bertrand Aristide, adepto da Teologia da Libertação, foi eleito com 67% dos votos. O candidato preferido pela burguesia e pelo imperialismo, Marc Bazin, conseguiu apenas 14%.

As primeiras eleições relativamente livres no Haiti, após dezenas de anos, levaram ao poder um governo de colaboração de classes, também chamado de "frente popular".

Sete meses depois o novo governo foi deposto por um golpe militar de direita dirigido pelo general Cedras, que matou 5 mil adeptos de Aristide.

O novo regime militar começou a enfrentar crises e uma crescente resistência popular. Neste momento ocorreu uma reviravolta que marcou todo o restante da história haitiana: através do governo Clinton, o imperialismo fez um acordo político com Aristide, invadiu o país pela segunda vez em 1994 e depôs a ditadura.

Aristide fez a aliança com Clinton para impor ele mesmo um plano neoliberal no país. Com eleições convocadas, o candidato de Aristide, René Préval (o mesmo que hoje preside o país), foi eleito com 87% dos votos. Em 2000, ele foi sucedido pelo próprio Aristide, vitorioso com 92% dos votos, na primeira sucessão civil da história haitiana.

Nos dois mandatos, Préval e Aristide cumpriram seu acordo com o imperialismo e impuseram a privatização das estatais e a eliminação das tarifas de importação. O próprio Aristide apresentou na Cúpula de Monterrey, em 2003, o plano que criou as 18 zonas francas.

Uma contradição típica da história haitiana: um governo de frente popular, imposto por uma invasão do imperialismo, aplicando um plano neoliberal duríssimo. O resultado foi uma enorme desilusão. Com Aristide, a grande esperança do povo haitiano foi por água abaixo. A insatisfação tomou conta e começaram ocorrer mobilizações contra o próprio presidente.

Os EUA sentiram que a frente popular já não lhe servia mais e não era mais capaz de conter o movimento de massas. Então começou a implementar um plano para derrubar Aristide.

No artigo Opção Zero no Haiti, Peter Hallvard demonstra que paramilitares liderados por Jean Tatoune e Guy Philippe foram financiados pelos EUA, numa manobra semelhante à dos contras na Nicarágua. Assim, foi criado o "argumento" para a invasão: gangues armadas pelo próprio imperialismo.

Aristide ficou preso entre dois fogos: a crescente insatisfação popular com seu plano econômico e a pressão militar da ultra-direita.

Em abril de 2003, já em desespero, o ex-padre tentou um golpe de efeito político, cobrando da França a dívida de US$ 21 bilhões das indenizações pagas entre 1825 e 1947. Mas nem isso lhe devolveu o apoio das massas.

A NOVA INVASÃO

Em fevereiro de 2004, o Conselho de Segurança da ONU legalizou mais uma invasão do Haiti, agora para tirar do poder o mesmo Aristide, que tinha sido colocado também por uma invasão dez anos antes.

Durante a primeira semana da invasão, as tropas operaram em regiões antes controladas por Aristide, matando seus seguidores. Hallvard informa que o novo primeiro-ministro, Gerhard Latortoue, cumprimentou publicamente Jean Tatoune, um dos chefes dos grupos da ultradireita.

A ONU impôs um novo governo e chamou tropas de ocupação, agora compostas e dirigidas por países latino-americanos. O governo Lula aceitou a liderança da tropa de ocupação – atendendo a um pedido expresso de Bush –, formada por exércitos do Brasil, Argentina, Bolívia e Chile.

Os "defensores da democracia" demoraram dois anos para convocar novas eleições, com medo de que os adeptos de Aristide voltassem a ganhar. Somente em fevereiro de 2006 o povo haitiano pôde votar novamente. Uma fraude gigantesca foi montada pelo governo Bush e as tropas de ocupação.

Os candidatos eram Préval (mais uma vez representando Aristide) e dois representantes da direita. Foram filmadas caixas e mais caixas de votos para Préval sendo lançadas no lixo. Segundo a Folha de S. Paulo, a empresa Boucar Pest Control, contratada pelas tropas da ONU, admitiu ter levado urnas com milhares de votos de Préval para um depósito de lixo. Mesmo assim, o candidato da burguesia que teve mais votos não ultrapassou 12%.

O conselho eleitoral do país não se animava a definir os resultados, mesmo com a evidente vitória de Préval. Milhares de pessoas saíram às ruas do país contra a fraude. Para evitar uma nova rebelião, o governo recuou e aceitou a vitória do ex-presidente. O povo festejou com grandes manifestações.

Mais uma vez, quando chamado para votar, nas poucas vezes em que isso foi possível, o povo haitiano buscou derrotar os candidatos que identificava com o imperialismo. No entanto, novamente foi traído. Uma vez empossado, Préval passou a cumprir o papel de um governo fantoche a serviço da ocupação militar. Aceita o papel de um presidente que não manda em nada, em um país ocupado por tropas estrangeiras e dirigido pela embaixada brasileira, a serviço de Washington.

Símbolo da revolução há duzentos anos, o Haiti hoje demonstra a falência da colaboração de classes na América Latina. Tropas de governos de "esquerda" e "populistas" (Lula, Néstor Kirchner, Evo Morales e Michelle Bachelet) sustentam a ocupação colonial do país.

O Haiti volta a ser uma colônia, pelas mãos de Préval e de seus semelhantes no continente.

UM JOGO DE CARTAS MARCADAS

THIAGO HASTENREITER, da Secretaria Nacional de Juventude do PSTU

Aconteceu entre os dias 5 e 8, em Brasília, mais um Congresso da UNE, o CONUNE. Desde 2003, quando a entidade passou de malas e bagagens para o lado do governo, não se poderia esperar nada além de resoluções de apoio às diretrizes do Planalto.

A abertura do evento ocorreu no Senado. O local não poderia ser apropriado. É lá que o PCdoB defende com unhas e dentes Renan Calheiros (PMDB-AL), atual símbolo da corrupção do país.

Também estiveram presentes na cerimônia figuras ilustres e inimigas históricas dos movimentos sociais. Presidida por Pedro Simon (PMDB-RS), a sessão contou com a participação dos senadores Mão Santa (PMDB-PI), conhecido por sua brutalidade contra os sem-terra, e Marconi Perillo (PSDB-GO), patrocinador oficial do CONUNE de 2005. A mesa coordenadora acolheu até mesmo o deputado Efraim Filho (PFL-PB).

Depois de aprovar em seus sucessivos congressos o apoio a todas as versões apresentadas pelo MEC da reforma universitária, ao 50° CONUNE coube a tarefa de comemorar o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Este projeto praticamente congela os salários dos servidores federais, mantém o salário mínimo de fome e avança nas privatizações. A resolução da UNE é um golpe contra a atual greve dos técnico-administrativos, que já alcançou 46 instituições federais de ensino superior.

Sobre a vergonhosa ocupação das tropas brasileiras no Haiti, o CONUNE não aprovou nenhuma condenação. Por um motivo muito simples: o PCdoB faz parte do governo que oprime o povo haitiano a serviço de Bush.

Um dos maiores ataques à universidade pública da história, denominado Universidade Nova, foi elaborado pelo reitor da UFBA e transformado em decreto pelo presidente Lula em abril de 2007. O Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) transforma o ensino superior público num grande escolão de curta duração, através da criação de ciclos básicos. Trata-se de um ataque tão grande que o PCdoB

AGÊNCIA SENADO

Abertura do Congresso da UNE em pleno Senado Federal, cenário dos recentes escândalos de corrupção

não teve a coragem de defender abertamente tal programa. Mas se utilizou de uma manobra nem um pouco criativa. Ao invés de aprovar o apoio ao Universidade Nova, o CONUNE deliberou pela "Nova Universidade".

Se o CONUNE refletisse minimamente a realidade, a greve das estaduais paulistas, sobretudo a ocupação da USP, teria estado em Brasília. Mas não foi o que aconteceu. A USP não enviou nenhum delegado ao congresso.

Diante da traição da direção majoritária da UNE, seria natural que a oposição de esquerda crescesse em seu interior. Mas a oposição diminuiu, enquanto a chapa formada por PCdoB, PT, MR-8 (PMDB) e PDT alcançou 72% dos votos. O PSOL, que tinha até então dois diretores na executiva da entidade, elegeu apenas um.

Os companheiros do PSOL admitem hoje ser impossível mudar os rumos da entidade. Portanto, torna-se cada vez mais necessária a construção de uma nova entidade independente, democrática e combativa. Essa tarefa deve ser assumida desde já pela Frente de Oposição de Esquerda da UNE (FOE), Conlute, executivas de curso e pelos milhares de estudantes que protagonizaram as lutas em defesa da universidade pública contra o governo Lula.

EDUCAÇÃO

PROFESSORES BAIANOS TIRAM LIÇÕES DA GREVE

CARLOS ZACARIAS, professor de história da UNEB / Alagoinhas

Após 55 dias de greve, os professores da educação básica da Bahia aprovaram a suspensão de um movimento que, ao que parece, sepultou de vez a confiança de muitos no novo governo do petista Jaques Wagner.

A insatisfação ficou evidente no desfile do "2 de Julho" (Independência da Bahia), quando nem a claque de assessores levados pelo governador foi capaz de sufocar as vaias dos populares. Os presentes não pouparam aplausos para os professores do ensino básico e superior, ambas as categorias em greve há mais de um mês e com os salários cortados.

UM RECUO CORAJOSO

Reunidos na quadra do Sindicato dos Bancários no dia 3, cerca de três mil professores optaram pela suspensão da greve. Cansada das manobras da direção da APLB-Sindicato, ligada ao PCdoB, e dos longos dias de greve sem resultados palpáveis, a categoria não permitiu contudo que a greve acabasse como queria o governo.

Primeiro, os professores deram mostras de coragem ao não se intimidarem com as ameaças e o assédio moral promovidos pelos diretores, que ligavam para as casas dos professores convocando-os para o trabalho. Depois, queimaram milhares de telegramas que haviam sido enviados com nova convocação para o retorno às salas de aula na penúltima assembléia da categoria, devidamente preparada para acabar com a greve.

Por fim, na assembléia do dia 3 a direção da APLB tentou pôr fim ao movimento sem que houvesse nenhuma discussão, mas foi rechaçada pelos professores. Estes exigiram uma avaliação e, na sua maioria, apontaram a direção do sindicato como responsável pela não conquista da pauta.

RECHAÇO

Não foi somente o governo que passou maus bocados durante a greve. Os parlamentares da base aliada e os sindicalistas da pelega CUT sequer puderam falar nas assembléias em função das vaias que lhes eram dirigidas.

O ridículo da situação ficou por conta da deputada federal do PCdoB Alice Portugal que, na última assembléia, impossibilitada de falar devido às vaias, fez um gesto insinuando que os professores estavam loucos.

Apesar do saldo político positivo, as fragilidades da categoria ficaram mais uma vez evidentes nesta greve. Primeiro, os professores carecem da existência de uma oposição organizada, que sobreviva às greves e seja capaz de dar uma nova lógica à mobilização, diferente da imposta pelo sindicato, que faz de tudo para preservar seu governo do desgaste.

Neste sentido, é fundamental atacar também outro problema: a falta de organicidade da oposição. Apesar do esforço sincero de muitos companheiros, ela ainda não foi capaz de imprimir maiores derrotas aos pelegos justamente em função de que, após cada greve, ela tende a desaparecer.

Em função disso alguns professores buscam alternativas de organização na Conlutas, junto com os docentes do ensino superior do estado e setores do funcionalismo federal. Estes últimos, que já fizeram sua experiência com Lula e a governista CUT, têm certamente algumas lições a ensinar.

UNIVERSIDADES CONTINUAM EM GREVE

Até o fechamento desta edição, os docentes de três das quatro universidades estaduais baianas prosseguiam firmes numa greve que teve início no dia 28 de maio. O governo continua intransigente, mas a categoria, apesar do cansaço de cinco greves em sete anos, continua dando mostras da sua capacidade de organização e do comprometimento de suas direções, agora empenhadas na construção da Conlutas.

DAVID ALVES/AG.PA

O MODO PETISTA DE DESOCUPAR

GOVERNO DO PT no Pará comanda expulsão em massa de sem-terra. MST afirma que vai resistir à reintegração

Tropas da PM cumprem reintegração de posse

***JEFERSON CHOMA**, da redação*

O PT no governo aumenta cada vez mais a violência contra os movimentos sociais. No final de junho, a governadora Ana Júlia (PT), do Pará, autorizou uma mega-operação da Polícia Militar que desencadeou uma onda de repressão contra os sem-terra na região, por meio da reintegração de posse de várias fazendas ocupadas.

A chamada Operação Tocantins foi articulada pelo Comando de Missões Especiais da Polícia Militar do Pará para cumprir uma série de mandados de reintegração de posse nas regiões sul, sudeste e parte da região nordeste do estado. A força policial é uma tropa especial composta inclusive por atiradores de elite. Ao todo são 49 liminares de reintegração de posse que se arrastam há três anos na Justiça.

As liminares ainda não haviam sido cumpridas porque o governo anterior do PSDB, desgastado pelo massacre de Eldorado dos Carajás, preferiu evitar novos conflitos. Mas agora o governo de Ana Júlia, eleito com apoio de vários movimentos sociais, autorizou a utilização da força policial para cumprir os mandados de retomada da posse das fazendas, expedidos pelo juiz da Vara Agrária de Marabá, Líbio Moura.

Desta forma o governo petista segue sua política de endurecer a repressão aos movimentos sociais. "*O governo de Ana Júlia criminaliza os movimentos sociais, inclusive resgatou a polícia ostensiva, a Rotam, que é também uma polícia política para reprimir trabalhadores*", afirma Atenágoras Lopes, diretor do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil de Belém e da direção do PSTU. A Rotam (Rondas Ostensivas Tático-Metropolitanas) comandou uma brutal repressão à manifestação dos trabalhadores da construção civil no dia 23 de maio em Belém, com bombas de gás, spray pimenta e cacetetes.

DAVID ALVES/AG.PA

Família despejada pela operação Tocantins

O governo petista nem ao menos ofereceu transporte aos desocupados. As famílias, com crianças, ficam jogadas nas ruas. Como se não bastasse o governo ser comandado por uma petista, o PCdoB compõe o gabinete de Ana Júlia através da ex-deputada Socorro Gomes, secretária estadual de Assuntos Jurídicos.

MST VAI RESISTIR

A preparação da ação policial de despejo foi marcada por uma ampla campanha de terror na mídia. Jornais e tevês acompanharam minuciosamente a movimentação das tropas. Mas quando a operação começou o assunto foi deixado de lado, abrindo margem para a violenta repressão da PM.

Fortemente armados com metralhadoras, os policiais acompanham os oficiais de Justiça nas ações de reintegração para expulsar as famílias das fazendas. Estão sendo cumpridas as primeiras 12 liminares de reintegração. A maioria das áreas reintegradas é dirigida pela Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Pará (Fetagri), alinhada à CUT, que não oferece resistência.

Mas na ocupação da fazenda São Marcos, dirigida pelo MST e na lista das próximas reintegrações, os trabalhadores anunciaram que irão resistir até o fim. A área é simbólica para os sem-terra, já que o proprietário da fazenda é o mandante do assassinato de dois dirigentes do movimento. Onalício Barros (Fusquinha) e Valentim Serra (Doutor) foram assassinados em 1998. O fazendeiro foi denunciado pelo Ministério Público, mas permanece impune.

"A orientação do MST é resistir à reintegração", afirma ao Opinião Ulisses Manaças, da direção estadual e nacional do MST. "*Grande parte das terras que estão sendo reintegradas são griladas*", denuncia. O dirigente do movimento critica o governo petista, que impõe no campo a mesma violência dos tucanos.

Segundo Ulisses, o governo de Ana Júlia se dobrou aos grandes fazendeiros da região, que se mobilizaram nos dias 10 e 11 de junho em favor das reintegrações. A região é marcada pela violência dos governos no campo e pela ação das milícias armadas por latifundiários contra os trabalhadores. "*Essa ação demonstra a prática repressiva do governo no campo, criminalizando os movimentos sociais como se estes fossem a causa do problema agrário*", denuncia o dirigente.

MOBILIZAÇÃO

A previsão é que a reintegração da São Marcos ocorra até 20 de julho, apesar da resistência. "Estamos articulando um processo de resistência com os trabalhadores urbanos, a Conlutas e a Fetraf", anuncia Manaças. Ocorrendo o despejo, os trabalhadores prometem fechar estradas em protesto.

Enquanto a CUT se cala diante da absurda repressão, a Conlutas se reuniu com a Fetraf e o MST e protocolou um pedido de audiência com o governo do Pará, a fim de tratar da escalada de violência contra os movimentos sociais e os trabalhadores.

TRANSPOSIÇÃO DO RIO SÃO FRANCISCO

LULA ORDENA DESPEJO DO ACAMPAMENTO CONTRA TRANSPOSIÇÃO

DA REDAÇÃO,

No último dia 4 o acampamento organizado por sindicatos e movimentos sociais, populares e indígenas contra a transposição do rio São Francisco foi despejado. A iniciativa havia sido montada no dia 26 de junho na fazenda Mãe Rosa, município de Cabrobó (PE), e chegou a contar com cerca de 1.500 ativistas. A ocupação forçou a paralisação do início das obras de transposição.

A exemplo do que ocorreu durante a ocupação da hidrelétrica de Tucuruí pelo MAB (Movimento dos Atingidos por Barragens) e a Via Campesina, a ação deixou claro o endurecimento do governo Lula contra os movimentos sociais.

Os agentes da Polícia Federal, reforçados pelo batalhão de choque da Polícia Militar, chegaram ao local no início da manhã. Eles estavam acompanhados por um agente da Fundação Nacional do Índio (Funai) e pelo oficial de Justiça. De uma só vez aconteceram a intimação, o despejo e a reintegração da área. Os trabalhadores negociaram a saída pacífica, no sentido de evitar conflitos. Assim, foi dado um tempo para a organização da retirada.

O grupo seguiu em marcha por 13 quilômetros até o assentamento Jibóia, de trabalhadores ligados ao MST.

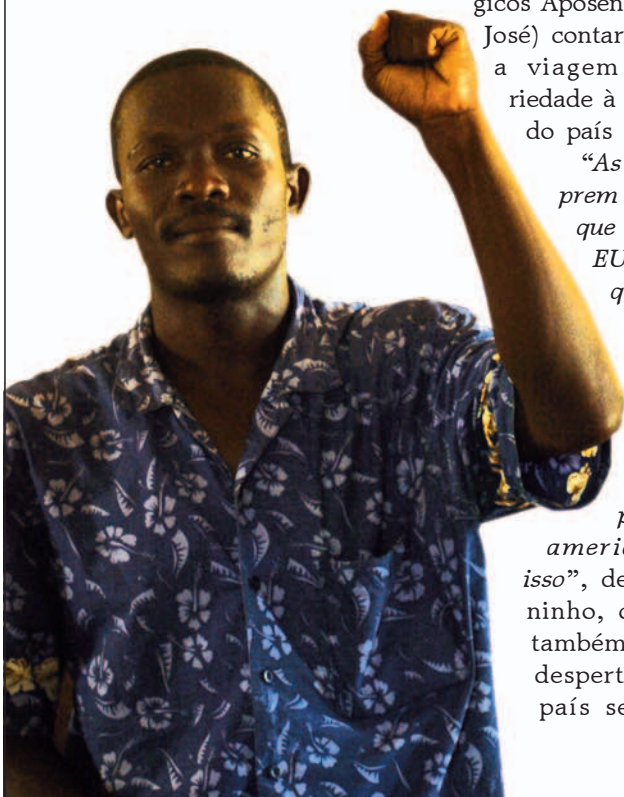
CAMPANHA CONTINUA

Apesar da desocupação, a mobilização contra a transposição do São Francisco continua. Um dia depois do despejo, índios de 18 tribos ocuparam uma área ao lado da área reintegrada pelo governo. Os movimentos que fazem parte da campanha contra a transposição estão discutindo os próximos passos da luta.

DE VOLTA AO BRASIL, DELEGAÇÃO EXIGE FIM DA OCUPAÇÃO NO HAITI

Especial Haiti

DIEGO CRUZ, da redação

Um dia após o retorno ao Brasil, no dia 5 de julho, representantes da delegação da Conlutas ao Haiti concederam uma entrevista coletiva na sede nacional da entidade, em São Paulo. Os ativistas contaram a experiência dos sete dias de viagem ao país ocupado. O grupo cumpriu uma extensa agenda nos poucos dias que permaneceu por lá.

Em todas as atividades, a delegação defendeu a retirada imediata das tropas invasoras, denunciando seu papel de manter e perpetuar a brutal exploração à qual é submetida a população haitiana. Donizete Antonio Ferreira, o Toninho, advogado em São José dos Campos (SP), Valdir Martins, o Marrom, dirigente do Movimento Urbano dos Sem-Teto (MUST), Geraldinho, da Oposição Alternativa da Apeoesp e Cabral, da Admap (Associação Democrática dos Metalúrgicos Aposentados de São José) contaram como foi a viagem de solidariedade à luta do povo do país caribenho.

"As tropas cumprem lá um papel que interessa aos EUA, nada mais que isso. Os EUA, para não mobilizarem suas próprias tropas, recorrem aos países latino-americanos para isso", denunciou Toninho, que apontou também o interesse despertado por um país sem recursos naturais e destruído por anos de guerra e ocupações. *"O objetivo é montar as maquiladoras com mão-de-obra semelhante à escravidão, pagando um dólar ou menos que isso por dia"*, afirmou.

Toninho disse ainda que, apesar de toda a campanha internacional e do governo haitiano, a população do país é contra a ocupação. *"Há um setor que literalmente repudia as tropas, há lugares onde as tropas são recebidas a pedradas. Muita gente já tirou as bandeiras brasileiras de suas casas, a gente percebe isso andando pelas ruas ou estradas do Haiti"*.

Outro aspecto que chamou a atenção da delegação da Conlutas é a situação de miséria extrema em que vive a imensa maioria da população do país caribenho. Além da completa ausência de saneamento básico, os serviços públicos são precários. *"Conseguimos visitar uma escola em Cap-Hatien, e dentro da sala de aula havia lixo, não havia cadeiras suficientes para os alunos e a lousa estava destruída, ou seja, a educação reflete a desestruturação do país"*, afirmou Geraldinho. O sindicalista disse ainda que, por não haver luz no país, as pessoas que só poderiam estudar à noite ficam impossibilitadas de freqüentarem as escolas.

CAMPANHA CONTINUA

A viagem ao país ocupado não foi um evento isolado na campanha pela retirada das tropas da ONU. Toninho disse que a mobilização prossegue. *"A campanha vai continuar. No próximo dia 13, por exemplo, vamos levar esta bandeira ao ato público na abertura do Pan, dizendo 'Fora já, fora já daqui, Bush do Iraque e Lula do Haiti'"*.

Além disso, Toninho afirmou que o I Encontro Sindical Latino-Americano, organizado pela Conlutas e programado para ocorrer em maio de 2008, terá o assunto como um dos principais temas. *"A campanha continua. As tropas foram para lá para ficarem seis meses e estão há três anos, e se não fizermos nada, ficarão mais 60, pois foi assim nas ocupações anteriores"*. Toninho também revelou que todas as organizações de direitos humanos que a delegação encontrou no Haiti defendem a retirada imediata das tropas, além das entidades sindicais e dos movimentos sociais e populares.

Geraldinho finalizou o evento com o rumo da mobilização: *"Faremos essa campanha nos sindicatos, oposições e nos movimentos sociais e populares, vamos garantir que essa luta se concretize, que não fique apenas nas palavras de ordem"*.

Cartaz agradecendo solidariedade da delegação da Conlutas